



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GNC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

6 de Junho de 2009 • Ano LXVI • N.º 1702
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

DE QUEM VOS PEDE PERDÃO

Padre João

TÃO sugestivo quanto estranho o remetente de certa carta, de familiar muito próximo de um dos nossos, já adolescente. Percebe-se que a pessoa que se dirige ao jovem, pela forma e pelo conteúdo, só possa ser um familiar de progeneritura.

A elegância estenográfica e a própria redacção, leva-nos a supor que quem escreveu tinha tempo, media as palavras e porque não... com tempo psicológico de sobra... pareciam meditadas, choradas, carentes: «de quem vos pede perdão».

O mesmo tom implorante transparecia no destinatário: «para quem vos ama muito...»

Não sei se os carteiros habituados à «mecânica» — inevitável e profissional — da distribuição da correspondência, principalmente para uma Instituição destas, se darão, alguma vez, à imaginação destas coisas... É bom ser profissional! Mas creio que tanto o modo como estava redigido o remetente bem como o redigido destinatário não terão passado despercebidos. Era, de facto, uma «redacção» feita com o coração! Chamava a atenção!

Estamos no mundo dos afectos e dos dramas em que mergulham muitas vidas de pais e filhos... não pude deixar de referenciar este facto sensibilizante para, ao mesmo tempo dizer que nem sempre o ditado tem razão: «cartas são papéis...»

Há não muitos anos, era então Natal... Certo pai que regularmente visitava o seu filho na Instituição — a Casa do Gaiato — sempre de forma correcta e humilde, diga-se... Havia sempre aquela conversa certeira ao comportamento e aos resultados escolares... Depois de lhe transmitir as «vitórias» que o seu «rebento» e «filho» nosso ia alcançando de modo razoável e de forma muito querida fez-se um certo silêncio entre ambos... A certa altura «o bom do homem» interrompeu num desabafo emocionado e agradecido: «Ó senhor padre, os nossos filhos mereciam outros pais...»

Por ser então Natal, mais se adensou em mim que em todos nós permanece sempre uma réstea de luz que nunca se apaga, que há sempre um tempo de nos podermos redimir: «de quem vos pede perdão...»

A confissão humilde deste homem; da sua paternidade imperfeita, ajudou-me naquele Natal longínquo a olhar o para o presépio... E, hoje, que o Rapaz é já homem, assim «tão certinho», dando tão boa conta de si, sem agressividade para com ninguém — inclusivé os seus mais próximos — parece-me que aquelas palavras: «de quem vos pede perdão...» são uma verdadeira ressonância pascal ecoando até aos quatro cantos do mundo principalmente «daquele» em que as crianças ainda não são devidamente respeitadas nos seus direitos. □



MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

O barco é grande

QUEM me dera ter o dom de Pai Américo. Muitas vezes não escrevia. Era o Abel, o primeiro Gaiato a tirar carta, a conduzir o *Morris* para onde preciso fosse. O Abel parava e ele ditava. Se demorava na escrita gritava-lhe. «Anda depressa que perco a veia». Por aqui vamos tão depressa, mas tão distraídos com as coisas de Casa e à nossa volta, que até esquece o dia de escrever para O GAIATO. E como no Correo só de longe aparece, quem não aparece esquece.

Há impasses arreliaadores, como este de termos de ter alguém, que não eu, a ir a reuniões, a acompanhar auditores, a receber avaliador, a ter de montar escritório, onde chegam a trabalhar cinco e seis pessoas qualificadas para contabilidade, remeter aos destinos por DHL, recebendo de volta

arranjos de apresentação ou correcções de números, de facturas, com Iva ou sem Iva, de novos recibos com mais detalhes, como B.I. que há dois anos esperamos e nunca mais são entregues, nomes incompletos, correcção do lugar de trabalho, cópia do contrato de trabalho, agora feito de outro modo. Tudo vai e vem durante meses, para afinações que às vezes dá vontade de dizer. Deixem-nos trabalhar. Mas como? Se nos metemos neste mundo de necessidades e nada podemos fazer sem ajudas substanciais da Cooperação de Espanha, desde noventa e dois e da Portuguesa, de há cinco anos para cá?

Quando parece que tudo acabou, é necessário ainda apresentar Contas e Projectos acabados e propostas, para os próximos dois anos, ao Ministério da Coope-

ração de Moçambique para que nos deixe trabalhar. E nada de descorar a contabilidade de mês a mês, para chegar ao fim do ano aliviados da caminhada. Este ano aconteceu, porque a Blanca e a Maqui estão gravemente doentes. A Blanca está connosco há dezasete anos. A Maqui há menos. Esta foi de férias a Espanha e aproveitou fazer consultas. Apareceu um cancro no seio. Embora operada em vésperas de Natal, a quimio e a radioterapia vão mantê-la longe até ao fim do ano. Assim foi também a Blanca, cuja cirurgia os médicos de cá não se atreviam realizar. Há muito com paliativos, quase nada podia. O trabalho acumulou-se, veio o fim do ano e apertou. O que tem de ser, não se pode evitar. Só temia que a Irmã Quitéria ficasse impossibilitada. Tantos males de que anda a tratar-se, só faltava mais um. Agora é a sua vez: Deus a traga recuperada e tranquila, porque o barco é grande e ficamos só três aos remos.

Continua na página 4

SETÚBAL

Padre Júlio

Quando a bondade não conduz ao bem é falsa

HÁ pouco mais de um ano que o nosso «Alentejano» saiu cá de Casa e foi viver com a família. Veio quando tinha 9 anos, já usava brincos e queimava cigarros e criava muitas complicações nas ruas da sua terra.

Nos seis anos que estive connosco, foram muitas as canseiras que tivemos contra as tendências que transportava desde a infância.

Alguns períodos de céu aberto e bons propósitos iam acalutando esperanças num futuro equilibrado.

Mas, contrariamente à nossa vontade, estava determinado que os familiares o visitassem todos os meses, o que de facto acontecia. Sentíamos que assim se ia diluindo o que nós procurávamos tornar sólido.

Pois há um ano e alguns meses

foi passar uns dias a casa dos pais, ele era o único dos nossos com os pais a viverem juntos. Foi, não só por causa das pressões que nos fizemos mas também pensando que seria uma prova. Os dias passaram e ele regressou a nós para além da data marcada e, no dia seguinte, abalou de novo por sua iniciativa para a sua terra, para não mais voltar.

Nestes meses que se passaram entretanto, confirmou as expectativas que tínhamos caso ficasse entregue a si mesmo. Para além das situações graves que criou com os familiares, anda já a constar com a Justiça...

Embora do caso do nosso «Alentejano» não se possa fazer uma regra, há no entanto que concluir dele que nem sempre o ambiente da família progenitora é o melhor para acolher a criança, e nem sempre o contacto muito frequente desta com aquela é o mais favorável ao seu verdadeiro desenvolvimento. Quando a bondade não conduz ao bem é falsa, e até pode ser hipócrita.

Não pudemos fazer tudo como queríamos com o nosso «Alentejano». Agora, nada podemos fazer.

Começamos a ver que, perante tanta delinquência juvenil, os legalmente responsáveis verificam que têm de arrear caminho. Mas o melhor caminho a seguir é aquele que é o mais natural para a criança — vida em família.

Se a família natural não pode, não quer saber ou não consegue, então que a criança tenha na sua infância a família de que precisa como do pão para a boca. E que esta bondade seja, em primeiro lugar, para o seu bem. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

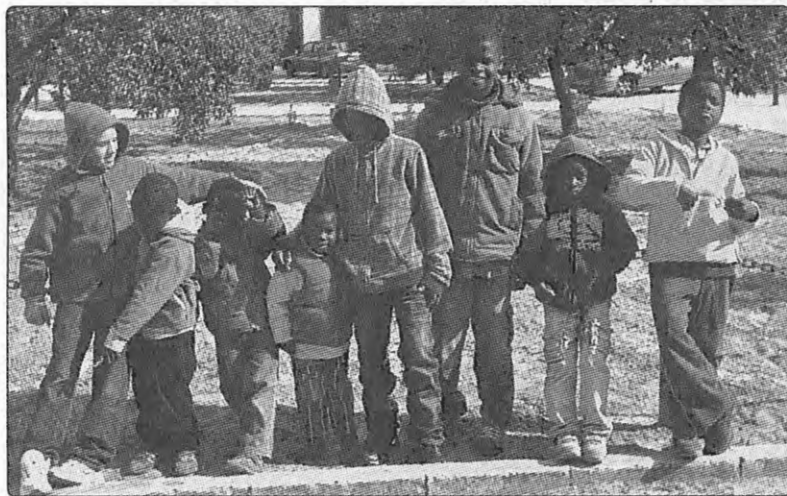
Américo Mendes

INOVAÇÃO SOCIAL — Preparava-me para escrever esta crónica quando chegou um telefonema da assistente social de um hospital das redondezas a pedir que a nossa Conferência interviesse no sentido de fazer com que, no dia marcado, uma pessoa cá da terra que vive sozinha e que já não se orienta bem por si própria não falte a uma consulta médica que é muito importante para a sua saúde. Esta é mais uma de muitas situações de emergência onde os Vicentinos funcionam como rede de segurança, para garantir que não faltem a pessoas das localidades onde trabalham bens ou serviços que são essenciais para a sua subsistência. Aqui, como em muitas localidades por esse mundo fora onde existem Conferências Vicentinas, as pessoas sabem que, se não for para mais, pelo menos para isso, está lá sempre presente e próxima delas essa rede de segurança mínima com que podem contar, quando outras instâncias não funcionam para as ajudar. Claro que as Conferências Vicentinas não prestam só este serviço de emergência e de proximidade, mas mesmo que fizessem só isto já estariam a fazer muito. Há muitos que olham para isto de forma depreciativa, chamando-lhe "assistencialismo". Com a crise económica actual têm-se multiplicado por aí, dentro e fora da Igreja, encontros onde o tema central, com designação diversas, é o "reinventar", ou "inovar" na área da solidariedade social. Por interesse em aprender e por dever de ofício já fui a vários. Há sempre algo de útil em reflectir sobre o que se vai fazendo nesta área e sobre como melhorar o que se faz. No entanto, há uma coisa que, por vezes, acontece nesse tipo de encontros com a qual eu não concordo e que tem que ver com um entendimento incorrecto do que é a "inovação". Inovação não é fazer tábua rasa do que se fez no passado e do que se faz no presente, pensando que só o que é novo e está na moda é que é bom. Muito do que é agora apresentado como sendo "inovação social" na resposta à crise, quando funciona bem, no fundo no fundo, não é outra coisa senão essa "velha coisa" que as Conferências Vicentinas fazem há muitos anos, de estar em permanência no terreno, na proximidade de quem precisa de ajuda, para acorrer às situações de emergência que possam surgir e prestar essa ajuda durante o tempo que for preciso, acompanhada da visita domiciliária que faz com que essas pessoas sintam que não estão sós neste mundo. Por mais voltas que se dê ao texto, com modernices, ou sem elas, não há aqui nada de novo, nem pode haver, porque estamos sempre a falar do mesmo, ou seja, do primeiro e do segundo mandamento da Lei de Deus: ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como se fosses tu mesmo.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

SETÚBAL

Gonçalo Leite



VISITAS — Aqui há dias veio um grupo visitar-nos e participar na nossa Missa. O grupo é da paróquia da Cova da Piedade, onde nós fomos no Natal fazer alguns números da nossa Festa. No fim do pequeno-almoço cantaram-nos algumas canções populares. Depois do almoço conviveram connosco e regressaram à Cova da Piedade. Os nossos rapazes gostaram muito desta visita e esperamos que venham visitar-nos mais vezes.

CASAS — Alguns dos nossos rapazes das casas 2, 3 e 4 mudaram de casa. À medida que vamos crescendo, vamos mudando de casa em casa. Cada casa é diferente das outras e nós também vamos sentindo que já somos mais velhos.

CRISMA — No dia 31 nove dos nossos rapazes foram crismados na Sé de Setúbal. Todos os fins-de-semana havia sempre uma catequese para o Crisma com a D. Selda. Os nossos rapazes estiveram muito interessados e muito entusiasmados. Depois de serem crismados foram jantar a um restaurante com os seus padrinhos de crisma. Desejamos que na sua vida sejam fiéis a Deus.

CAMPO — Já começou a recolha de fardos de palha. O «Fernandinho» começou a cortar, depois com o ajudador alinhou a palha, e começou a fazer os fardos. Na nossa Casa é a primeira vez que nós fazemos os fardos porque nós temos as máquinas que precisamos. O que nos atrasou o trabalho foi a chuva. Nos terrenos de que se fez silagem semeou-se o milho e nos outros o Fernando também há-de semear milho.

OVELHA — A nossa ovelha quando foi nos foi dada, ainda mamava no biberão porque era muito pequenina. Agora já come sozinha pois já cresceu. O Sérgio é quem cuida da ovelha. Às vezes ele solta-a e os nossos rapazes brincam e vão passear com ela. À noite nós vamos por ela no viteleiro para que possa dormir descansada. □

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

PADRE FRANCISCO ANTUNES — A 11 de Maio, com 90 anos, partiu para o Céu o nosso grande Amigo Sr. Padre Francisco, que, durante vários anos, passou pela nossa Casa, ajudando-nos a crescer na vida espiritual, com a sua presença e no sacramento da Confissão. Foi um Sacerdote muito próximo de nós, até nas histórias que nos trazia, como a dos *Três Porquinhos*... Deixou-nos saudades. O nosso Padre Manuel (que o visitou várias vezes, na Casa diocesana do Clero), com o Carlos Gonçalves, o Bruno Neves e o Divino, participaram na Missa de corpo presente, a 12 de Maio, na Igreja de Nossa Senhora de Lurdes, em Coimbra, em que o Sr. Bispo também referiu a sua acção na Casa do Gaiato. Foi a sepultar no cemitério da Conchada. Muito obrigado e que descanse em paz!

SAÚDE — Em especial, os Rapazes que têm vindo recentemente para a nossa Casa, têm sido consultados com muito carinho no Hospital Pediátrico de Coimbra. Queremos agradecer, publicamente, à Sr.ª Dr.ª Graça e outras profissionais, a amizade com os nossos mais pequenos. Bem-hajam!

Estiveram internados e tiveram alta, nos Hospitais da Universidade de Coimbra, o Leandro e o Miguel, que foram bem tratados. Nesses Hospitais, em Dermatologia, foram bem consultados alguns Rapazes.

Os Rapazes têm ido às consultas

de Estomatologia e Medicina Dentária, nos HUC, às terças-feiras, de tarde. Ao Sr. Dr. Moreira da Fonseca (que até veio jantar connosco) e à sua equipa, os nossos sinceros agradecimentos! Também, queremos agradecer a generosidade da Farmácia S. Sebastião, em Coimbra.

PARTILHA — Para além do amanho da quinta e do gado, para nossa subsistência, vários Amigos têm-nos feito chegar, em especial, bens alimentares, de algumas localidades: Miranda do Corvo, Coimbra (por exemplo, S. José, Banco Alimentar), Penela, Vila Nova de Poiares, Avelar, Alcanede (visita da Escola EB 2,3, a 29 de Abril), Viseu (visita de formandas, a 15 de Maio), Vila do Conde (de Amigos fiéis, com mercearia necessária). Também aos que nos escrevem, bem-hajam!

ANIVERSÁRIOS — Em Maio, houve mais aniversários: a 17, Diogo Silva (12 anos); a 26, Fábio Fernandes (10 anos). Muitos parabéns!

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS — A nossa Casa do Gaiato, que tem assento no Conselho Geral do Agrupamento de Escolas de Miranda do Corvo, em que se inclui a nossa Escola do 1.º Ciclo, participou na eleição do Director, tendo sido escolhido o Sr. Prof. Fausto Luís. Votos de sucesso!

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

DIA DE PAI AMÉRICO — Já está marcado para Domingo, 19 de Julho de 2009, o encontro-convívio dos Antigos Gaiatos e Familiares do Norte.

Queremos que seja uma festa simples, mas de profundo estreitamento dos laços fraternais entre a grande família gaiata que não precisa de qualquer convite formal para homenagear Pai Américo.

Contamos com grande adesão; por isso, queria apelar muito encarecidamente a todos, que nos façam chegar as suas confirmações com o número de familiares para podermos preparar o almoço para uma quantidade aproximada de pessoas, pois somos contra todos os desperdícios.

Os contactos são 912163569, 917414417, ou directamente para a Casa do Gaiato, 255752285.

LOJA SOCIAL — Já começamos a receber dos nossos amigos e benfeitores algumas encomendas, com objectos de decoração e têxteis-lar, livros, quadros, medalhas e brinquedos, etc.

Damos nota dos seguintes benfeitores: D. Laura Maio, de Penafiel; Paula Mourato, de Rans; e Anabela Semide, de Penafiel.

DONATIVOS — Apelamos aos nossos amigos e benfeitores que nos queiram ofertar as vossas migalhas que o podem fazer para a sede da Associação com o endereço postal: — Av. Lourenço Martins, 4560 Paço de Sousa - Penafiel.

Os donativos serão empregues em equipar a biblioteca e o bar/cantina da Associação e ainda para dinamizar algumas actividades culturais e recreativas. Bem-hajam.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Continuamos a receber a bom ritmo, novas inscrições, assim como registamos a reafiliação de antigos gaiatos: Mário Póvoa «Canário», de Braga; António Manuel Silva, «Caneco», da Amadora. Também o António de Jesus Godinho, esposa e filho, de Paço de Sousa. O Manuel Augusto Rites «Agostinho», de Paredes.

Vários rapazes da Casa de Paço de Sousa também se fizeram sócios, entre eles: O Pedro Caliano «Bonga» e o irmão António. O «Fraga», o «Meirinho», o «Manuel», o «Dimas», o «Migas» e o «Cris».

Sejam todos bem vindos, pois a Associação será o que todos juntos fizermos por ela.

Agradecemos também a amabilidade de alguns sócios que estão já a efectuar o pagamento antecipado das cotas para o ano de 2009.

Todos os antigos associados devem reinscrever-se na nossa sede, ou contactar-nos através dos números 912163569, 917414417.

GRUPO DESPORTIVO — Ainda precisa de mais treinos e mais jogadores, para quando chegar o dia de Pai Américo, possamos efectuar uma jornada desportiva bem disputada com os mais novos. Estão desde já,

PASSEIOS — Os Catequistas do nosso Lar do Gaiato de Coimbra organizaram, para os Rapazes que aí têm Catequese, a 16 de Maio, um passeio a Fátima, com Eucaristia, e passagem pelas Grutas da Moeda.

Os Rapazes que frequentam o Curso Alternativo (9.º ano), da Escola de Miranda do Corvo, tiveram duas visitas de estudo: ao programa Praça da Alegria, nos estúdios da RTP, em Vila Nova de Gaia, a 18 de Maio; e a Alcoçaba, Nazaré e Bombarral, a 25 de Maio.

DESPORTO — O nosso Grupo Desportivo continua em acção. Assim, a 16 de Maio, participámos num Torneio de Futsal, no pavilhão gimnodesportivo da vila, organizado por um aluno de desporto, em que vencemos. A 23 de Maio, no nosso campo de futebol, vencemos uma equipa de uma transportadora.

AGRO-PECUÁRIA — O tempo húmido, nalguns dias, tem provocado a *moléstia* das folhas das batateiras. Os escaravelhos também já apareceram. Por isso, fizeram-se, de novo, outros tratamentos; o mesmo aconteceu na vinha, de mesa, em volta da horta. O cebolo foi sachado e aplicou-se herbicida. Para combater as ervas daninhas do milho grão, também se deitou herbicida e foi sachado.

Na coelheira, têm nascido coelhos. Dos restos que vamos buscar a uma grande superfície, aproveitamos uma parte para os animais, em especial, os porcos. □

todos convocados, para comparecer aos treinos, aos Domingos da parte da manhã, nas instalações desportivas da Casa do Gaiato.

Depois da presença da secção de atletismo no grande prémio de Luzim-Penafiel, integrada no circuito municipal de atletismo, marcamos presença na prova de atletismo de Valpedre, Penafiel. Também participamos na 4ª Meia Maratona do Douro Vinhateiro, na Régua. Para já, somos poucos, mas o objectivo é a ocupação dos tempos livres com a promoção de actividades saudáveis, aliadas ao aspecto lúdico da prática desportiva.

SEDE — Continuam as visitas. Damos aqui nota, da visita dos atletas da secção atletismo do F. C. de Penafiel. Também do João «Aranha». Queremos nós, que a sede seja um ponto de encontro e tenha como objectivo estreitar os laços fraternos e de solidariedade entre todos. Faz a tua visita, e lembra os teus tempos passados na Casa do Gaiato.

ACTIVIDADES — Continuam as aulas de desenho e pintura, assim como as aulas de guitarra clássica e cavaquinho. Apelamos aos nossos amigos, se tiverem em casa algum instrumento musical ou de pintura de que já não façam uso, que se lembrem de nós. □

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Maio,
48,700 exemplares**

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

E as tuas irmãs?

DESDE sempre que a Igreja tem sido a presença mais viva e actuante, junto dos mais pobres e no cuidado dos últimos. Atirar pedras a uma robusta e sólida árvore bimilenar, com imensos ramos e incontáveis frutos, na Caridade, é uma injustiça de laicismos vesgos.

Como se podem devolver menores em risco às famílias biológicas ou mantê-los nessa situação, se são, como se diz, *disfuncionais*?

Quando vamos mergulhando nas misérias sociais, bem desejaríamos que os mais débeis com que nos cruzamos, no caminho da esperança, fossem livres dos perigos do mundo e promovidos, *in loco*.

Fomos alertados para um caso de instabilidade familiar, com consequências nos rebentos, que se ia agravando, devido ao alcoolismo do progenitor.

Embora o telemóvel também ajude a aproximar bem as pessoas, urgia mais do que uma visita. E fizemo-nos, pois, às estradas do interior mais profundo do País. Os encontros são fulcrais nas tentativas de escutar e resolver problemas humanos.

Diga-se a verdade que as paisagens naturais, algumas delas bucólicas, da Beira Baixa, foram inspiradoras de mais tranquilidade do que as mauchas de caixotes de cimento, empilhados, nos meios urbanos, desordenados, que temos percorrido, considerando que estes gritos têm sido mais fortes.

Prados verdejantes e rebauhos mansos foram, de facto, uma



preparação suave para procurar, entre veredas, aquelas pequenas ovelhas frágeis. Esse agregado tem sido itinerante, em pardieiros. O êxodo rural para o litoral e a emigração deixaram chagas, abertas.

Com companhia, docente, não nos perdemos e, chegados a um cruzamento decisivo, avistámos os telhados em que se abriga aquela gente pobre que nos sinalizaram. A senhoria, que produz bom queijo artesanal, acolheu-os e até orientou as crianças para o Baptismo. A ligeira debilidade mental materna é superada pelo grande afecto à prole; porém, com uma relação fragilizada e meios escassos, teme pelos filhos e filhas... Num registo deles, vimos as manas. E perguntámos: — *Onde estão as tuas irmãs?*

Logo, fomos espicaçados pelos circunstantes: — *Veja se pode arranjar uma casa para as*

filhas... Na verdade, são adolescentes que inspiram cuidados; e não se trata de alijar a carga. É a outra imagem, muito delicada, do mundo juvenil, em perigo.

A talhe de foice, umas responsáveis por um Lar de adolescentes vieram partilhar um dia connosco, para tentar perceber o nosso modo, familiar, de viver.

Não há soluções ideias, mas reais, para ajudar a salvar alguém. A história de vida e a personalidade, de cada rapaz ou rapariga, são únicas e requerem encaminhamento e acompanhamento prudente e, muitas vezes, emergente. Clamam sempre por um ninho estável, com segurança, e pilares materno e paterno. A permanência de quem, por amor de Deus, ajuda a criar e a crescer, com colaborações amigas, vai restabelecendo, gradualmente, laços quebrados e até ultrapassa técnicas.

Neste vasto campo, tantas mulheres radicais entregaram e vão dando as suas vidas, no serviço desinteressado de protecção e verdadeira libertação feminina. Numa escapadela a Lisboa, por via de outro pequenito, constatámos isto mesmo, v.g., nas Irmãs do Bom Pastor.

A acentuada crise actual, mais do que económica e financeira, reflecte uma encruzilhada da civilização, em que, nomeadamente, se exacerba a superficialidade e o poder, e desvaloriza a vida humana e a família.

O acolhimento do Arménio e do Luís, a que fomos chamados, pela situação limite, de desorientação, não é mais do que uma simples oportunidade de promoção, na gratuidade da nossa vida, seguindo o Mestre. Um dos escândalos de Jesus foi este, precisamente: “*o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido*” (Mt 18,11). E, assim, também O vamos procurando encontrar! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

QUEM leu atentamente o último *Património*, reparou que lhe deixei aberta a cortina da janela por onde me poderia espreitar: — *quando eu já me conduzia para outras aflições* — e descia para o interior, no Alto Douro respondendo ao apelo de uma Cristã amargurada com três situações da sua freguesia, cheguei à mesma, com o lusco-fusco a revelar-se, também, na densidade de uma chuva miudinha e fria.

O povoado situava-se na encosta de um largo monte, com ruas estreitas, muito inclinadas, tortuosas e calcetamento irregular, casas velhas de granito, pegadas umas às outras com raros intervalos.

O recém-chegado colhia logo uma desconfortante sensação de pobreza e abandono geral. Poucas moradias se tinham actualizado. A rusticidade dominava as frentes e os telhados do casario.

Bati à porta da minha correspondente que não estava, mas tinha transmitido à sua irmã, a obrigação de me receber e guiar. Esta sim, era uma moradia reconstruída, apetrechada de aquecimento, e confortável.

Lá me aguardava uma senhora dos seus quarenta anos, de bom aspecto. Religiosa, mas sufocada por duas dívidas. Uma da casa.

Sem possibilidades de recorrer à banca, para reconstruir a sua inabitável morada, pedira emprestados 20.000 euros há seis anos, ao juro de oito por cento. Contava, então, com o ordenado do marido que, entretanto. Contraíra uma doença do foro psíquico e do filho, que perdera o trabalho. Devia ter pago os juros em Janeiro. Estávamos em Maio e não sabia que fazer, pois só tinha quatrocentos euros.

A minha primeira reacção foi de revolta pela usura patente. Ela acalmou-me — *Eu não tinha ninguém, se não fossem eles, não podia ter arranjado a minha casinha que chovia lá dentro. Até são boas pessoas*. Que havia eu de dizer? A cruz dos Pobres é muito pesada e, só a sente, quem nela pega!...

Está instalado um ambiente favorável, para muitos enriquecerem à custa da incapacidade económica dos pobres!... A quem hão-de recorrer? Sim, a quem? Se a Comunidade Cristã se fechar nas suas peregrinações, passeios ou reservas financeiras, centrando-se somente na família ou no medo do futuro; pondo de lado a doutrina do *pão nosso de cada dia*; tudo fica esgotado. Mais ninguém vale aos Pobres!... Os outros só têm palavras para engauar, e... se aproveitarem. Puxei do livro e passei-lhe um de 1.200 euros que, com os quatrocentos dela, perfazia o montante anual dos juros.

Foi uma solução de recurso. Passageira... mas, a possível, naquele momento. Eu não tinha dados suficientes e seguros para mais.

O coração não pode trabalhar sozinho que podemos ser *levados*.

Dias depois, encontrei-me com a senhora que me havia escrito e resolvemos aguardar pela saúde do marido e pelo emprego do filho. Com eles a trabalhar poderemos ajudá-los de outro modo.

A outra dívida era dum carro. Porque — justificava — tinha de entrar cedo no emprego, e não havia transporte público àquela hora. Ainda devia 2.500 euros.

Não fui capaz de resistir ao choro da senhora, e dei-lhe outro cheque deste valor, para a aliviar.

Atendida esta, saí de casa, acompanhado da minha guia, ver os outros Pobres.

A escuridão esbatia-se pela luz ténue dos candeeiros públicos. O frio e o aguaceiro venciam-se com guarda-chuva e o casaco bem apertado. A distância era curta, o piso a subir, escorregadio mas o ânimo vigoroso.

Após uma curva, num pequeníssimo largo triangular, subimos umas escadas laterais, para cima de uma placa e batemos à porta da cozinha a qual, logo, se abriu.

A fogueira, por cima de um montão de cinza, num bortalho acanhado, enfarruscava as paredes e atraía a mãe mais as três crianças, enquanto o pai nos recebia. Era uma casa lúgubre, de telha vã e uma divisão carcomida, em madeira. No interior havia ainda uma escada de betão que descia, para dar acesso a uma retrete comum, e a outra família de dois adultos e uma criança ali acolhidos em muito piores condições.

O tecto da desgraçante morada era todo bolhas de água agarradas à cobertura, caindo, uma aqui, outra ali e transformando o lajedo, de cimento, num charco de água.

Nunca tinha visto uma coisa assim!... A minha guia, vizinha deles, ao chegar a casa não se cansava de repetir aos Pais, muito idosos: — *Aquilo só visto, ninguém imagina...*

Num estreito recanto, onde o tecto parecia enxuto, tinham a cama dos três: pai mãe e a criança; noutro um diminuto fogão a gás. O vão da larga janela que devia arejar a casa e dar-lhe sol, estava completamente tapado com garrações de cinco litros, ali armazenados.

Os dois chefes de família eram irmãos e as mulheres também.

O de cima era o dono. Comprara o velho abrigo de granito por 4.500 contos. Estava a pagá-lo ao banco. A prestação era *caji* o seu salário. — gaguejava — os dois trabalhavam no *Doiro*.

Pela conversa percebi que ambos eram pouco instruídos e, o de baixo, sofria também de ligeiro défice mental.

Recolhi-me a casa da minha guia, onde me deram jantar, dormida e pequeno-almoço. *Comei do que vos derem*, diz o Evangelho. Faz tão bem à alma saborear estas verdades!... Dentro de mim ardia um fogo: *tenho de ajudar a resolver estes casos. Não me vou embora, sem falar com os Párocos*. Eles são, na minha Fé, *os pastores*. O bom pastor deixa as noventa e nove e vai à procura da ovelhinha perdida.

Os padres ignoravam. Pedi-lhes que fossem ver e se interessassem. Segundo me parece, as câmaras têm dinheiro para materiais, pelo fundo europeu da luta contra a pobreza. Que um técnico da câmara fizesse um estudo e aproveitasse os espaços, etc.

Os dois padres foram agradáveis e responsabilizaram-se. Eu comprometi-me com o mais caro: — *a mão-de-obra*.

A direcção postal do Património dos Pobres:

Lar do Gaiato
Trv.º Padre Américo
3000-313 Coimbra. □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESporto — Todos aqueles que jogam com amor à camisola, nunca dizem *não* na hora da chamada.

O nosso Grupo Desportivo tem muitos simpatizantes. Nós sabemos! Uns vêem os nossos jogos ao vivo, outros, acompanham-nos através do nosso jornal, como é o caso da D. Licínia Sobral, de V. N. Gaia, que, de vez em quando, nos manda o seu cartãozinho a dar os parabéns à equipa!... Bem-haja.

Nem sempre, nem nunca. Desta vez, não fizemos jogo com clube oficial; mas um jogo/treino com a juventude da Faculdade de Gandra.

O homem forte deste grupo, ainda é da família... É sobrinho da nossa querida Olímpia, esposa do nosso Américo que foi uma das mais-valias desta Casa.

Foi chefe-maioral dos bons, foi ponta-de-lança no Grupo Desportivo não era mau de todo, e foi o responsável pelas Festas, onde foi muito bom, e que deixa enormes saudades.

Este sim. Este foi sempre uma boa Escolha...

Que pena Américo, morares tão longe de nós! Mas mesmo assim, se pudesses vir dar uma ajuda na altura das Festas... era bem bom!

Falando dos rapazes e raparigas das capas pretas, para além de terem feito algumas brincadeiras com as suas guitarras, ainda trouxeram muita mercearia que, como não podia deixar de ser, foi recebida pela D. Preciosa e pelo nosso Padre Manuel António, da Casa de Benguela, que se encontra cá de passagem, para ver se dá um jeito... no que diz respeito à sua saúde.

Tudo correu bem. Como estavam em vésperas da queima das fitas, não tinham a equipa muito bem organizada. É natural!

Uma semana depois, não houve jogo, mas sim treino, dirigido pelos adjuntos, para podermos estar presentes com os de boa-vontade na Festa em Coimbra, organizada pela nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e com a colaboração da nossa Casa de Setúbal. Estes, mais uma vez, foram impecáveis e disseram presente.

É tão bom, quando a Família se junta toda. Toda... toda, nunca é possível, mas... alguma é, desde que não haja programas Escolhidos e paralelos.

Festa muito bonita, e sobretudo, bem pensada, preparada e posta em prática, com amor e carinho.

Ai os batatinhas!!! Há quantos anos eu já não os via em palco com aquela azáfama a apanhar rebuçados?!

Mas artista, artista, é o último cliente do barbeiro, que foge sem pagar a conta. E a postura dele em palco?! E as danças dele?! Eu ficava todo partidinho, se tentasse fazer o que ele fez. Os meus parabéns. □

MÃE

Zé Reis

*Tu és fulgor da madrugada,
És espelho da minha alma,
És Paz consagrada
E rastilho da calma.
Na infância foste Amor
Como quem beija uma flor.
Na juventude és Brilho,
Como as Asas
e os Olhos
no caminho do Sarilho.
Fruto do Grande Carinho
Dás luz à minha Fé,
No Teu ventre de mansinho,
Vim seguindo a maré.*

BENGUELA

Padre Manuel António

Cada um faça o que pode

ESTOU a escrever-vos do Santuário de Fátima. Quero aproveitar estes dias para recuperar novas forças. A missão precisa de ser continuada, até ao fim da vida! Como é a hora de escrever para O GAIATO, espero que o olhar da Mãe abençoe e fecunde esta partilha convosco.

Ao cruzar-me, todos os dias, com muitas centenas de pessoas dos vários pontos do mundo, fico parado, diante dos bebés, levados pelos pais, em carrinhos próprios. E falo com eles, por alguns momentos. Filhos e pais muito felizes! Nesse instante, o meu pensamento voa para Benguela e África conhecida. Vejo a multidão das mulheres com os bebés às costas, a chorar, porque os peitos estão secos. Não têm leite! No encontro destes dois mundos opostos levanta-se-me o ânimo para fazer, juntamente convosco, tudo o que estiver ao meu alcance. Não podemos desanimar.

Quem dera cada um faça o que pode! Não podemos deixar que a força do mal vença a força do bem. É uma autêntica derrota dizer que não podemos fazer nada. Não queiramos ser uns derrotados. Impressionou-me sempre muito a passagem evangélica da multiplicação dos pães,

em que Jesus matou a fome da multidão que o rodeava. Como havemos de fazer, perguntam os discípulos ao Mestre? Dai-lhes vós mesmos de comer, responde Jesus. Que tremendo desafio! Há ali um rapazito com cinco pães e dois peixes; mas que é isso para tanta gente? Trazei-mos cá, diz-lhes Jesus. E um mundo novo aconteceu. Todos ficaram saciados.

A lição desta passagem é tão rica! A maravilha não aconteceria sem os cinco pães e os dois peixes. Diz-nos que cada um de nós leva a responsabilidade de fazer o que pode para ajudar, não importa se pouco ou muito.

A propósito, há dias, chegou às minhas mãos um cheque de cinco mil euros para a nossa Casa do Gaiato de Benguela. Respondi ao amigo que no-lo enviou, agradecendo aqueles cinco pães que vão ajudar a matar tantas fomes que nos cercam. E que se multiplique a felicidade do seu coração e da sua família.

É interessante que, alguns dias antes, outro cheque de dois mil Euros poisou em minhas mãos. Eis os dois peixes que a grande amiga pôde dar, com imensa alegria. E outros, de valor monetário mais reduzido ou elevado, mas

com o mesmo significado. Também nos chegam a Benguela, à C.P. 820. O segredo da nossa vida e missão está também nas vossas mãos. Por isso, vamos continuar pelo caminho estreito, mas seguro.

De repente, ao cruzar-me com os bebés tão lindos, nos carrinhos pelas mãos de seus pais, voei, de novo, e fui parar ao nosso Infantário de Benguela. Quem viu, antes, estas crianças, bebés ainda e outras mais crescidas e as vê, agora! Que transformação! Andam à volta de cinquenta. Criadas na maior simplicidade, envolvidas pelo carinho e ternura das Irmãs, ganham alicerce para os homens e as mulheres de amanhã. É um dom de valor inestimável. Como foi possível este empreendimento? Graças aos cinco pães e dois peixes, guardados no saquinho do vosso coração e entregues pelas vossas mãos. Este complemento admirável da nossa Casa do Gaiato de Benguela enche o nosso coração de alegria e de muita esperança.

Esperamos, entretanto, a hora da mudança em que todos os filhos da mãe terra angolana possam sentar-se à mesa a comer da riqueza que tem para lhes dar e matar as fomes que os consomem. Que o amor seja a alma da justiça social e a palavra de ordem seja a partilha pelos que estão à espera do coração aberto e de mãos estendidas para acolher os cinco pães e os dois peixes. Fazemos parte dessa multidão. □

REFLECTINDO

Padre Telmo

FORAM simpáticos os dois discípulos de Emaús: «Fica connosco, já é tarde, fica em nossa companhia». E foi o jantar e na bênção o repartir do pão, eles conheceram o Senhor.

Não te ardia o coração quando Ele nos falava no caminho?

Fica em minha casa... há sempre mais um lugar à nossa mesa.

Com saudade, recordo a frase do nosso Gaiato Primo. Quando os mais velhos estavam na Carianga e os mais pequeninos nas Escolas do Estado, onde, por vezes, passavam fome: «Encosta para lá», era a frase, a mesa era comprida e cabia sempre mais um. Quando eram muitos, levantava-se, em silêncio, e ia fazer mais funge.

Fica, entra em minha casa...

Hoje, vivendo no mesmo prédio, nunca nos conhecemos e nunca entramos na casa do vizinho.

Não há o partir do pão... Como vamos conhecer Jesus?

Não Lhe damos espaço nem tempo para o partir. Vivemos na margem... Mas ele continua amando cada um de nós — espera só um gesto — um olhar de amor. □

A FAMÍLIA ANGOLANA

Padre Carlos

FOI numa noite do presente ano lectivo ainda a principiar que Responsável de uma Escola, a quem nos liga profunda admiração pela inteligência carinhosa com que acompanha os seus alunos, nos procurou aflita. Dois jovens angolanos haviam abandonado a casa do irmão mais velho que os trouxera e, durante as férias grandes, tinham conseguido sobreviver em empregos efémeros na área da restauração. Mas agora o tempo era menos favorável para tal trabalho e a frequência escolar outra limitação — pelo que se encontravam na rua e se defendiam quanto possível permanecendo na biblioteca da Escola até ao fecho. Este o sinal que alertou para a sua situação. Claro que na emergência os recebemos, mas decididos a apurar razões.

A família tem as suas raízes na grande-Luanda onde vivem os pais e mais alguns irmãos. O mais velho conseguiu aqui seus estudos secundários; e, depois, mercê do próprio esforço e de felizes apoios, cá e em Portugal, licenciou-se em Direito e trabalha num Banco com actividade cá e lá. Foi bom aluno, o que explica o sucesso rápido na via do emprego. Trata-se de um homem profundamente convicto (apetecia-me dizer *misticamente* convicto) de que o futuro da sua Pátria passa, por sobre o seu potencial de riquezas, pela qualidade da cidadania dos seus habitantes. Tem consciência da magnitude da tarefa, mas ela aparece-lhe tão essencial, tão prioritária que ninguém, com as capacidades que tiver, tem o direito de sub-aproveitar as oportunidades de sua valorização, não só para assegurar a sua vida, como é legítimo, mas, também, (diria sobretudo) para firmar o alicerce da verdadeira riqueza do País, o seu Povo. Um homem, quanto me apercebi, na séria consciência dos valores sociais. Foi com este propósito que ele levou para Portugal os dois irmãos e uma irmãzita, aluna da mesma escola; e tem projectos semelhantes para alguns outros que vivem ainda na casa paterna.

Foi aqui que nasceu o problema com os irmãos: um *desequilíbrio* da virtude: Era de tal modo exigente com eles que, perdendo a noção da medida de correspondência de cada qual, puxou demais e soltou o laço causando o desespero e a fuga dos rapazes. Deve continuar a estimulá-los para que dêem o seu melhor; mas transformar este empenhamento em *mística* é algo que não se pode impor. Em duas conversas amenas ele compreendeu e confirmou, com simplicidade que é rosto da Humildade, o seu exagero e prometeu-nos e aos dois irmãos uma mudança de atitude.

Passaram seis meses sobre as Festas do Natal, data do regresso ao lar fraterno; e nada nos constou de que a promessa não esteja a ser cumprida. Porém, quem dera que esta ideia apaixonada do mais velho contagie os mais novos na medida de que cada um é capaz e os ajude a valorizar-se para valorizar! É este o sentido das oportunidades que a Obra deseja e vai conseguindo para os seus rapazes. Fossem eles muitos a apetercerem-nas e a corresponder-lhes! Pudessem as nossas Casas ser alforbe da cidadania válida a transplantar a seu tempo para a Sociedade maior! Uma ambição grande com realizações pequenas — que a globalização da *vida fácil* também aqui chegou e não ajuda. Ainda assim, registamos compensações. O Luís de Malanje esteve no Porto cerca de dois anos trabalhando em enfermagem e análises clínicas. Deixou boa memória por onde passou. Penso que com iniciativa nossa, ele teria podido ficar por lá. Ele gostava. Até eu...! Mas não; está na Gabela exercendo a sua profissão. Aqui em Benguela vimos encontrar o «velho» Solano, enfermeiro graduado e a graduar-se mais a nível universitário. Domingo passado foi telefonema de outro «velho» o Rosário, da primeira geração desta Casa, agora reformado do Exército e pronto a retomar o curso de engenharia que interrompeu por força da mobilização. Fico feliz com tais notícias e esperançoso que de que estas vontades fortes de mais velhos façam escola e animem os mais novos a segui-los. Não será uma operação de massas; mas é nesta perspectiva da qualidade que me parece urgente trabalhar. Deus nos ajude a prestar este contributo ao Povo de Angola e a todos os Povos onde há Casas do Gaiato. □

CALVÁRIO

Padre Baptista



O mistério da Vida

DURANTE o Inverno eram apenas umas hastes aparentemente secas, sem o mais pequeno sinal de vida. De repente, com um pouco de calor, começaram a mostrar pequenas folhas verdes e de seguida cobriram-se todas de verdura. Mas o verde foi logo escondido por flores brancas, chamadas, por estes lados, de aleluias. Parecia que um nevão tinha caído por ali.

Ao lado, as azálias taparam o verde das folhas com o colorido das flores. Uma sinfonia de cores por todos os recantos! Mas aonde estavam as folhas e as flores e a policromia de todas elas?

Olho para alguns doentes que aqui temos tão definhados pela

invalidez. Paus muchos no Inverno da vida.

O Joaquim, todo enrolado sobre ele próprio, é um pequeno ser humano, apesar dos 60 anos que já leva no seu viver. Não fala, não anda, mas vive. Sorri quando acariciado.

O Diamantino, deitado no leito, donde não quer sair, está sem memória. Não sabe quem é, nem donde veio depois que sofreu um grave acidente de trabalho. Jamais alguém o veio visitar ou procurar.

Ao lado destes, o Zé, connosco há 30 anos, é um rapaz sempre distante, de olhar vago. Não sabemos por onde anda o seu pensar.

E lembro-me de tantos outros

que passaram por aqui, com enfermidades diversas, reduzidos, muitos deles, a seres carcomidos pela doença.

E recordando estes e olhando aqueles, começo a ver neles a primavera do Além. Não imagino como serão, mas estou certo que vou ficar espantado quando os vir na Casa do Pai Celeste. Praenitentes!

O mistério da vida é insondável. Não sei se alguém tem consciência de quem é. Subjectivamente muitos pensam que se conhecem. Mas a verdade plena de nós próprios não a temos.

A Ciência diz que tudo o que somos será reduzido a nada. É a física a falar. A Filosofia conjectura, argumenta, mas fica à porta da verdade.

Só a fé nos dá a certeza. A certeza de que depois do Inverno vem sempre a Primavera. □

MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

É imprescindível desdobrar serviços e responsabilidades. É preciso estatutos e andanças. Padres, para me darem a mão, não aparecem. Deus sabe porquê. Temos na Comunidade da Massaca gente a trabalhar connosco há muito tempo e estão prestes a concluir estudos universitários. Podem assumir muito do trabalho que nos sobrecarrega. Se não fosse «Aquele que É» o que nós somos ruiria. □